



## A CONSTRUÇÃO DO HUMOR NO DISCURSO RELIGIOSO

**Virginia Jacinto Lima**  
(PPGLetras - UFGD)  
**Sílvia Mara de Melo**  
(PPGLetras - UFGD)

**Resumo:** Com esse trabalho, apresentamos o recorte de um estudo que investiga o funcionamento do humor no discurso religioso, tendo como exemplo os enunciados produzidos pelo Pastor Cláudio Duarte. Tradicionalmente não é esperado que uma reunião religiosa seja local de entretenimento, no entanto, a manifestação humorística passou a constituir os sermões pregados em cultos evangélicos por esse pastor. Assim, nosso estudo busca compreender como esse método de pregação cômico é construído e quais elementos linguístico-discursivos contribuem para o efeito de humor. A proposta do nosso trabalho é discutir sobre a construção do humor e seus efeitos de sentido no discurso religioso para descrever e analisar enunciados que apresentam estereótipos sobre a mulher e a sexualidade. Nossa metodologia de análise é a pesquisa qualitativa, seguindo o método arqueológico de Foucault (2008). Embasados pelo aporte teórico da análise do discurso francesa, observamos que a utilização do humor no discurso religioso pode ser considerada uma ferramenta para doutrinação. É possível pensar que a manifestação do humor no discurso religioso faz circular o poder pastoral (FOUCAULT, 1995) e o poder disciplinar (FOUCAULT, 2014), uma vez que o discurso investido de humor, além de ser agradável e prazeroso, é qualificado como a voz de Deus. Entretanto, esse discurso carregado de estereotipização pode apresentar-se como um discurso preconceituoso e machista. Diante disso, o estudo justifica-se pela necessidade de compreender como, no processo discursivo, o humor é empregado e quais seus efeitos de sentido. É relevante estudar os enunciados de Duarte porque ele é um formador de opinião, que, ao incorporar o humor em seu sermão, tem conquistado muitos adeptos, tornando-se um sujeito midiático. Seus sermões representam a mediação do discurso religioso, por meio de uma oratória ousada e peculiar.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Humor. Discurso religioso.

### **THE CREATION OF HUMOR IN THE RELIGIOUS DISCOURSE**

**Abstract:** We present in this paper the clipping of a study that investigates the way humor works in the religious discourse, having the statements of Pastor Cláudio Duarte as examples. A religious meeting is not traditionally expected to be a place for entertainment, however, the humor manifestation started being part of the sermons preached in evangelical worships by this Pastor. Therefore, our study aims to understand how this method of comic preaching is created and which linguistic-discursive elements contribute to the humorous effect. The proposal of our work is to discuss the creation of humor and its effects of meaning in the religious discourse in order to describe and analyze statements containing stereotypes of women and sexuality. Our methodology of analysis is the qualitative research, following the archaeological method of Foucault (2008). Based on the theoretical contribution of the French discourse analysis, we observed that the use of humor in the religious discourse might be considered a tool for

*indoctrination. It is possible to think that the manifestation of humor in the religious discourse makes the pastoral power circulate (FOUCAULT, 1995) as well as the disciplinary power (FOUCAULT, 2014), once the invested discourse of humor, besides being joyful and pleasant, is qualified as the voice of God. However, this discourse full of stereotypes might present itself as a prejudiced and male chauvinist discourse. Thus the study is justified by the necessity of understanding how, in the discursive process, the humor is applied and what are its effects of meaning. It is relevant to study Duarte's statements because he is an opinion maker who, by using humor in his sermons, has won several followers and become a media subject. His sermons represent the mediatization of the religious discourse by using a bold and peculiar oratory.*

**Keywords:** Discourse Analysis. Humor. Religious Discourse.

## Introdução

O discurso religioso cristão é caracterizado como discurso sério e inquestionável, uma vez que se dedica a refletir sobre a palavra de Deus. Segundo Orlandi (2001), o discurso religioso é “aquele em que fala a voz de Deus” por meio de seus representantes na terra, o pastor e/ou o padre. Como afirma Souza (2012), tradicionalmente, não é esperado que o culto evangélico seja engraçado, local de diversão, de brincadeiras e ou de entretenimento. No entanto, a “manifestação humorística” (POSSENTI, 2018) passa a constituir os sermões pregados em púlpitos pelos evangelizadores.

Um exemplo disso é o pastor evangélico Cláudio Duarte. Conhecido como “pastor comediante”, o evangelista é um grande representante da pregação ousada que tem feito enorme sucesso na mídia. Segundo Duarte e Vale (2017), o humor como produtor do riso na pregação do pastor:

[...] é utilizado como forma de reforço do dito (quando explica o sentido obscuro religioso da passagem bíblica) ou mesmo como argumento (quando exemplifica as ações, comportamentos ou discursos passíveis de serem depreendidos do texto sagrado) (DUARTE e VALE, 2017, p.179).

O humor, assim, é empregado como uma estratégia para atingir a aprovação e admiração do ouvinte do sermão.

Observando a manifestação humorística (Possenti, 2018) no discurso religioso, a utilização do humor pode ser pensada como uma ferramenta para doutrinação, um discurso que funciona como uma forma de poder disciplinar (FOUCAULT, 2014) e de

poder pastoral (FOUCAULT, 1995). Como afirmam Duarte e Vale (2017), o objetivo do humor no discurso é o sucesso na argumentação. O riso é um momento de descontração e relaxamento para o fiel, o que pode contribuir para que o sermão tenha melhor aceitação por parte do ouvinte. Por meio do humor, segundo Souza (2012), o fiel é levado a concordar com o que é dito.

Diante disso, apresentamos este trabalho como um recorte de uma pesquisa maior que tem por objetivo investigar o funcionamento do humor no discurso religioso do Pastor Cláudio Duarte. O estudo justifica-se pela necessidade de compreender como, no processo discursivo, o humor é empregado e quais seus efeitos de sentido. É relevante estudar os enunciados de Duarte porque ele é um formador de opinião que, ao incorporar o humor em seu sermão, tem feito muitos adeptos. Buscamos compreender aspectos linguísticos/discursivos que levem a constituição de enunciados carregados de humor, mas também, possivelmente, permeados de preconceitos.

Empregamos a Análise do Discurso Francesa como pressuposto teórico, adotando, principalmente, conceitos advindos de Michel Foucault e seus discípulos. Nosso material de análise é formado por trechos da transcrição de uma pregação ministrada pelo evangelista em um culto para mulheres, disponível em vídeo pelo site *youtube.com*. À princípio, fizemos a transcrição do áudio do vídeo selecionado. Em seguida, selecionamos os enunciados que serão examinados.

Posto isso, a seguir propomos uma discussão sobre a manifestação humorística no discurso religioso do pastor Claudio Duarte, buscando expor o processo de construção do humor nos enunciados linguisticamente e discursivamente. Procuramos refletir sobre as relações de poder estabelecidas no discurso religioso, bem como mostrar os estereótipos propagados em sua enunciação.

## **1. O poder disciplinar e o poder pastoral nos enunciados humorísticos do discurso religioso**

Considerando que Michel Foucault coloca que as relações de poder acontecem por meio da produção de práticas discursivas, é possível pensar que a manifestação do humor no discurso religioso faz circular o poder pastoral (FOUCAULT, 1995) e o poder disciplinar (FOUCAULT, 2014), pois a instituição religião funciona como um aparelho de disciplina, levando o fiel a ser um corpo dócil e submisso ao que é colocado como leis de Deus. Segundo a teoria foucaultiana, a microfísica do poder envolve o corpo, um tipo de poder que produz a individualidade, buscando um sujeito útil para cumprir funções

determinadas. Um modo de regime que gera coerção. Como coloca Orlandi (1987), a religião é uma “forma de controlar a agressividade desconhecida. E, nesse caso, converter é ‘pacificar’” (p. 15).

Nesse sentido, podemos considerar o discurso religioso como um discurso disciplinar. Para Foucault (2014) o corpo é entendido “como objeto e alvo do poder”, um corpo “manipulado, modelado, treinado e obediente”. Um corpo preso a poderes que lhe “impõe limitações, proibições e obrigações”. Ele é atingido pela disciplina, os métodos de controle e de sujeição do corpo. Com a disciplina surge a arte do corpo humano que visa o aumento de sua habilidade e, principalmente, uma relação de utilidade e obediência. Uma “mecânica do poder” para que o corpo opere segundo técnicas.

Diante disso, é possível considerar que a religião exerce um poder coercivo sobre o fiel (o sujeito religioso), a fim de produzir um indivíduo dócil, submisso, que aja e pense de acordo com os preceitos colocados pelo cristianismo. A disciplina aparece mediante o sermão do pastor que busca levar o sujeito a exercer os mandamentos da doutrina cristã. O autor discorre que:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 2014. p. 167).

Dessa forma, a religião produz um sujeito adestrado para ocupar uma posição e ter uma função dentro dela. Para ser disciplinado, o sujeito deve estudar a bíblia, frequentar os cultos evangélicos, participar de atividades da igreja etc. Assim, o sujeito passa por várias formas de elaborações que resultam em docilização. O produto é um corpo dócil, útil e submisso que responda ao que é esperado pela religião.

Uma disciplina por meio da fiscalização e da punição, como a religiosa, resulta em um sistema de recompensas e penalidades que individualizam e classificam o indivíduo (FOUCAULT, 2014. p. 167-180). Para a religião, a recompensa é a salvação da alma, o que seria a vida eterna na presença de Cristo. A penalidade é a condenação eterna, uma eternidade sem Deus.

A igreja/a religião pode ser considerada, assim, o lugar onde circula o poder disciplinar, mas também outro tipo de poder: o poder pastoral. Sobre essa forma de exercício de poder Foucault afirma que:

- 1) É uma forma de poder cujo objetivo final é assegurar a salvação individual no outro mundo.
- 2) O poder pastoral não é apenas uma forma de poder que comanda; deve também estar preparado para se sacrificar pela vida e pela salvação do rebanho. Portanto, é diferente do poder real que exige um sacrifício de seus súditos para salvar o trono.
- 3) É uma forma de poder que não cuida apenas da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida.
- 4) Finalmente, esta forma de poder não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica um saber da consciência e a capacidade de dirigi-la. (FOUCAULT, 1995, p. 237).

No que se refere ao discurso religioso evangélico, o poder pastoral pode ser entendido como centrado na imagem do pastor. Tal poder coercivo apresenta como justificativa, a salvação. Foucault coloca que o poder pastoral é um modo de coerção totalmente orientado para o que seria a possível salvação do indivíduo, sendo ablativo e individualizante, co-extensivo à vida e ligado a produção da verdade do próprio indivíduo (FOUCAULT, 1995, p. 237). Assim, o poder pastoral age com a promessa de promover o bem ao sujeito, como uma ajuda de alguém que conhece a maneira de se chegar ao caminho certo. Esse alguém seria o pastor evangélico, aquele que possui o conhecimento da “verdade” da religião. Isso pode ser observado nos ensinamentos de Duarte aos cristãos, pregação que funciona como uma forma de poder pastoral.

A partir de Foucault (1995), entendemos que, na configuração da igreja, o poder pastoral trabalharia com a promessa de conduzir o fiel a vida eterna ao lado de Jesus Cristo, mas também: a boas condições financeiras, a um casamento bem-sucedido, a excelência na educação dos filhos, ao sucesso profissional etc. Dessa maneira, é colocado que para ter uma vida melhor, o fiel deve obedecer a religião e agir de acordo com as orientações do pastor e da igreja.

Nesse sentido, Claudio Duarte contribui com isso, uma vez que busca ensinar os cristãos a como viver de acordo com a doutrina da igreja. Ele dedica-se, especialmente, a orientações para casais em suas palestras. Seu estudo é voltado para as relações familiares, especialmente as relações conjugais. O reverendo busca conduzir os fiéis ao êxito familiar e conjugal. Dessa maneira, apresentamos um recorte da pregação humorística do pastor em que aparece a temática da sexualidade proferido durante a ministração em um culto para mulheres. Nesse trecho, é possível perceber

como o discurso religioso busca disciplinar o cristão com a justificativa de conduzi-lo ao caminho do bem. O humor é usado como estratégia para alcançar essa finalidade.

Para Duarte, é preciso que o cristão saiba ter prazer com o sexo, mas buscando uma relação purificada pela união matrimonial heterossexual. A orientação da pregação, nesse sentido, visa controlar a sexualidade da fiel ouvinte, de maneira que ela saiba agir de acordo com o que a religião coloca como leis de Deus. O enunciado a seguir demonstra isso:

Pastor, o senhô falou que ia dar ferramentas pa ajudar. Ó como é que eu posso ser tão simples, dê ao seu marido o que ele mais gosta e receba de seu marido tudo que cê quer. Eu to falando, eu to falando, seu marido é grosso? Leve ele pra cama e diga: filho, presta atenção, o mulçumano recebe 7 muié quando vai pro paraíso, deita nessa cama, você não é mulçumano, mas o cê vai ver 7 muié em uma. Feche os zói e deixe comigo. Faz isso uma vez, duas vez, três vez, quatro vez, cinco vez, sete vez no mês, eu tô falando, gente, não fala pra ele isso, faz... eu vou voltar aqui depois, e a senhora me fala quem se tornou o seu Shrek. Aquele ogro vai embora, pastor, o senhô ta dizendo que isso é tudo? (DUARTE, 2015).

Com a temática do sexo, esse enunciado atinge o efeito de sentido de humor a partir do interdiscurso com a religião islâmica. Por interdiscurso entendemos a relação do discurso com o já dito esquecido, ou seja, com “outros discursos” que constituem a memória discursiva. Para os mulçumanos, a união poligâmica é admitida, ao contrário do cristianismo que defende o casamento monogâmico. Assim, Duarte “brinca” que a esposa cristã deve ser a única mulher na vida do marido, entretanto, na vida sexual, ela deve desempenhar fantasias sexuais que a faria parecer várias mulheres em uma (*Leve ele pra cama e diga: filho, presta atenção, o mulçumano recebe 7 muié quando vai pro paraíso, deita nessa cama, você não é mulçumano, mas o cê vai ver 7 muié em uma. Feche os zói e deixe comigo*). Narrando a situação, apresentando diálogos, a enunciação apresenta a manifestação humorística. Os termos da linguagem coloquial como “muié”, “cê” e “zói”, contribuem para popularizar a fala do pastor, deixando-a engraçada.

O interdiscurso a partir da comparação do esposo com a personagem Shrek<sup>1</sup> deixa o enunciado engraçado, uma vez que, com isso, é possível interpretar que, com as “dicas” do pastor, é possível transformar o homem mal humorado e estúpido (características da personagem), em um marido bem humorado e gentil, como deve ser.

---

<sup>1</sup> Personagem fictício principal de livros e filmes infantis Shrek. Trata-se de um ogro mal-humorado que mora no pântano que se apaixona por uma princesa transformada em ogro.

O segredo? Agradar o marido, ou seja, fazer sexo (*Pastor, o senhô falou que ia dar ferramentas pa ajudar. Ó como é que eu posso ser tão simples, dê ao seu marido o que ele mais gosta e receba de seu marido tudo que cê quer*).

Em um sistema patriarcal, como é a religião cristã, a mulher é vista como submissa ao marido, de maneira que satisfaça seus desejos e necessidades conjugais. O sexo é uma delas. Assim, nesse momento, o enunciador está disciplinado as fiéis, ensinando-as a como alcançar o êxito no casamento, a como atender aquilo que é esperado pelo esposo, segundo o que coloca a religião. O sujeito discursivo busca convencer as ouvintes da mensagem de que ele, enquanto pastor, ensina de acordo com a bíblia e que sabe que é preciso fazer sexo para que o casamento seja bem sucedido e para que o cônjuge seja um bom parceiro. Evidências de um poder disciplinar e de um poder pastoral.

O enunciado de Duarte reforça o senso comum de que “a mulher é que faz o homem”, de que é função feminina trabalhar em prol do sucesso na relação conjugal. Cria-se um discurso que coloca a mulher como responsável pela “benção” e “graça” divina e que a condena se isso não for alcançado. Ela é responsabilizada pelo desarranjo conjugal e familiar, pois não faz aquilo que a religião coloca como preceitos de Deus. Nesse caso, fazer sexo com o marido e estar sempre disposta a atender seus desejos sexuais. Trata-se de uma ideologia machista que coloca o masculino como superior, ou seja, uma degradação da figura feminina.

Percebemos que Duarte, através da pregação, disciplina as fiéis com a justificativa de conduzi-las a práticas de manutenção do casamento, o que configura o poder pastoral. Busca-se, assim, através da orientação e instrução, produzir indivíduos disciplinados e dóceis. Mulheres religiosas e submissas aos esposos. Para isso, muitos sentidos são silenciados a partir do que Duarte fala, revelando, assim, ideologias pouco aceitáveis, como a machista, por exemplo.

## **2. A estereotipização nos enunciados de Duarte**

Outra questão importante que aparece nos enunciados de Duarte é a de que o discurso religioso coloca a mulher e o homem em posições diferentes, tendo, assim, funções distintas também. Esses papéis esperados para o feminino e para o masculino refletem em imagens sociais criadas no imaginário coletivo social de como deve ser o homem e de como deve ser a mulher, ou, simplesmente, do que é esperado para cada um. Essas imagens são, muitas vezes, os estereótipos. Consideramos estereótipos o

“sentido atribuído pelas ciências sociais às representações coletivas estabelecidas (com suas vertentes, negativa e positiva)” (DELIGNE, 2011. p. 29). A memória discursiva e o interdiscurso são fundamentais para interpretações dos enunciados estereotipados.

Apresentamos, assim, um enunciado em que aparece o estereótipo negativo do feminino ligado à falsidade e competição entre mulheres e o estereótipo positivo masculino ligado a humildade e companheirismo entre os homens.

E eu acho muito engraçado o mundo de vocês. Vem duas muié andando, encontra com uma terceira. Menina, tudo bom? Nossa, ta bonita. Emagreceu, que vestido é esse? Quando ela vai embora sabe o que ela fala pra outra? Horrerosa, engordou. Jesus, que vestido é aquele? Cafona, gente... {...} Homem é diferente, o contrário. Vem dois homem, encontra com o terceiro, fala assim “que isso cara, ta acabado... careca, barrigudo, menino, vai ver que num ta fazendo mais nada, quer ver?”. Quando o cara vai embora sabe o que ele fala com o outro? Amigão, gente boa. Se você, gente, olhe só (DUARTE, 2015).

A primeira estratégia do sujeito discursivo para construir o efeito de humor é narrar uma situação em que duas amigas encontram uma colega por um acaso na rua (*E eu acho muito engraçado o mundo de vocês. Vem duas muié andando, encontra com uma terceira*). Na mesma situação, também é feita outra narrativa, mas com as personagens homens (*Vem dois homem, encontra com o terceiro, fala assim*). A narração contribui com a construção do humor na medida em que é pertinente para a veiculação dos estereótipos. Como nos explica Davies (2011, p. 93), percebemos aqui uma narrativa que apresenta um roteiro oposto relevado ao final, algo surpreendente que muda o sentido proposto pelo roteiro. Não é esperado que a mulher fale mal da colega tendo a elogiado daquela forma, bem como não é esperado que o homem faça comentários bons sobre o colega depois do que disse sobre ele. Há uma surpresa que estimula o gracejo. O roteiro, assim, seria as representações cômicas que estão na memória discursiva, o que faz com que o ouvinte compreenda o enunciado, sempre a partir da historicidade e da ideologia que o constitui.

A partir do que enunciador coloca, fica silenciado a existência de uma certa rivalidade e falsidade entre as mulheres. A imagem da mulher fingida e desleal não é explicitada na fala do pastor, mas de acordo com o que é colocado na narrativa (*Menina, tudo bom? Nossa, tá bonita. Emagreceu, que vestido é esse? Quando ela vai embora sabe o que ela fala pra outra? Horrerosa, engordou*), é possível fazer essa interpretação. Da mesma forma, a imagem do homem camarada e verdadeiro é uma leitura que o

interlocutor faz a partir do que o sujeito do discurso enuncia (*que isso cara, ta acabado [...] Quando o cara vai embora sabe o que ele fala com o outro? Amigão, gente boa*).

Assim, o efeito de humor decorre da circulação de estereótipos acerca do feminino e do masculino que fazem parte da memória discursiva social na fala do pastor por meio da curta narrativa. A comparação é um grande fator para o efeito de humor. Nesse enunciado, Duarte compara a relação de amizade entre as mulheres e entre os homens, evidenciando as características dessas relações (competição e falsidade entre as mulheres e cumplicidade e sintonia entre os homens), segundo o pré-construído social. Dessa maneira, além de abordar essas estereotípias, o pastor as reforça.

Tal enunciado também se apresenta enquanto uma ideologia machista, uma vez que exalta possíveis qualidades masculinas e representa possíveis defeitos femininos. O pastor denigre a imagem da mulher em prol da imagem do homem. Um dito que silencia o discurso de que o homem é superior a mulher, pois é leal, amigo e verdadeiro, ao passo que a mulher não é confiável por ser extremamente invejosa e falsa. O enunciado do sujeito discursivo exalta o senso comum de que as mulheres são competitivas entre si e de que a mulher é um ser humano complicado e complexo, enquanto o homem é um ser simples e descomplicado.

O sujeito discursivo procura fazer “brincadeiras”, desejando ser interpretado como alguém que apenas está brincando para manter a ouvinte leal a sua fala. Ele usa o humor para moldar seu discurso, de modo que as pessoas entendam melhor o que é dito. No entanto, essas brincadeiras podem construir sentidos que fogem do controle do sujeito discursivo, pois o sentido não está nas palavras, mas na relação delas com o social, bem como que o sujeito não é dono do seu dizer. Sempre há outros dizeres que o sucedem.

## **Considerações finais**

Consideramos que o humor aparece como uma manifestação no discurso religioso. Ao aderir a prática do humor, o pastor quer ser engraçado para obter adesão do fiel ouvinte. O intuito de sua pregação engraçada conduzir o sujeito a exercer práticas ditas religiosas. Nesse sentido, entendemos que o pastor profere um discurso investido de poder disciplinar e de poder pastoral. Ao pregar, o ministro está conduzindo o fiel ao que a igreja coloca como caminho de Deus e o disciplinando para que ele seja dócil e de acordo com os mandamentos bíblicos. Seus enunciados configuram um código discursivo em que a ideologia cristã representa a verdade que leva a salvação e a

vontade de Deus. Sermão com aspectos linguísticos e discursivos que levam a constituição de enunciados carregados de humor, mas também permeados de preconceitos.

## Referências

DAVIES, Christie. Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e estereótipos. In. LUSTOSA, Isabel (org). **Imprensa, Humor e Caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. ISBN: 978-85-7041-773-2. p. 93-124.

DELIGNE, Alain. *De que maneira o riso pode ser considerado subversivo?* In. LUSTOSA, Isabel (org). **Imprensa, Humor e Caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. ISBN: 978-85-7041-773-2. p. 29-46.

DUARTE, Claudio. Pastor Claudio Duarte: mensagem para as mulheres. Congresso 1000 mulheres- Igreja Batista Getsêmani, 2015. Disponível em: <  
[https://www.youtube.com/watch?v=H3q\\_GKTSnxl](https://www.youtube.com/watch?v=H3q_GKTSnxl)> Acesso em: 04 junho, 2017.

DUARTE, Patrícia e VALE, Rony Petterson Gomes do. O riso no culto evangélico: considerações sobre o humor em práticas discursivas religiosas. Vitória (ES), **PERcursos Linguísticos**. Dossiê: linguagem humorística. V. 7, N. 15, pág 174-183 2017.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RAVINOW, Paul (Orgs). **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. 42<sup>a</sup> ed. Tradução Raquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ORLANDI. Eni Oulcinelli, org. **Palavra, fé e poder** – Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6ed. Campinas: Pontes, 2001. p. 239 – 262.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas, S. R: Editora da Unicamp, 1995.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto. 183 pp. ISBN: 978-85-7244-4804.

\_\_\_\_\_. **Cinco ensaios sobre Humor e análise do discurso**. 1.ed. – São Paulo: Parábola 2018. ISBN 978-85-7934-141-0.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de. O funcionamento do humor no discurso religioso midiático. Natal. Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – **GELNE Anais.**, 2012. ISBN: 978-85-7273-930-6.